CINEMA E FUTEBOL: O PERSONAGEM NA NARRATIVA[1]

GT14: Discurso e Comunicação

Fabiana Piccinin[2]

Daniel Machado[3]

Luís Gustavo Finger de Oliveira[4]

Resumo

Este artigo investiga a narrativa do futebol no cinema e, nela, a construção do herói. Tanto o futebol quanto o cinema, ao longo de suas trajetórias, percorreram caminhos semelhantes até alcançarem o status de entretenimento por grande parte da população no século XXI apresentando personagens redondas e complexas, nos termos propostos por Forster. Neste contexto, olha-se para dois grandes mitos do futebol nacional que se destacaram nas décadas de 40, 50 e 60 e que se sucederam no Botafogo Futebol Clube: "Heleno" e "Garrincha". Em razão disso, a partir da produção cinematográfica nacional sobre a história desses

---

[1] Paper encaminhado ao Grupo de Investigação 04 Las imágenes visuales y audiovisuales en América Latina.

[2] Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Letras (UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul). Atualmente Coordenadora de Pós Graduação *Stricto Sensu* (Unisc). Coordenadora dos projetos de pesquisa "Narrativas Audiovisuais Reconfiguradas" e "Narrativas Audiovisuais e autenticação do real". Integrante dos grupos de pesquisa "Leitura, literatura e cognição (CNPQ), GENALIC, grupo de estudos sobre narrativas literárias e comunicacionais e GIP Tele, Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo. fabi@unisc.br

[3] Aluno do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Produção em Mídia Audiovisual (Unisc). Bolsista de pesquisa PUIC (Programa Unisc de Iniciação Científica). daniel_rlp1@hotmail.com

[4] Aluno do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo (Unisc). Bolsista de pesquisa Fapergs (Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul). luis.gustavo.f.o@hotmail.com

jogadores, analisa-se o filme “Heleno” dirigido por José Henrique Fonseca, e “Garrincha” do diretor Milton de Alencar. Na observação dos filmes foram selecionados elementos comuns relacionados à performance dos personagens – protagonistas - heróis como a relação dos mesmos com o futebol, com a fama, com os relacionamentos, o declínio/doenças. A análise apontou para as nuanças que compõem o herói, associado ao conceito de personagem complexa, onde reside sua força.

Palavras-chave: Narrativa, personagem protagonista, futebol, cinema, cultura.

O futebol e o cinema no Brasil

O futebol e o cinema chegaram ao Brasil na mesma época histórica, ao final do século XIX. O futebol, originário da Inglaterra, chegou a São Paulo trazido por Charles Miller, em 1894, enquanto o cinema, vindo da França, chegou ao Rio de Janeiro em 1895. Os dois, portanto, vieram de países hegemônicos para as duas cidades, à época, principais centros urbanos do Brasil. Esses "produtos de importação" se deram muito bem por aqui e assumiram posições importantes na sociedade brasileira, sendo, até então, voltadas prioritariamente para a elite do país.

A partir das primeiras décadas do século XX, tanto o cinema quanto o futebol, cada um com suas características próprias, adquiriram o formato de atividades de entretenimento de massas e se consolidaram na formação cultural do brasileiro. Em pouco mais de um século de história – ao final do século XX – transformaram-se nos dois dos mais expressivos eventos da vida das multidões em nosso país. Segundo o levantamento do IBGE, (*Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD*, 1996 e 2000) o futebol e cinema, são "as preferências nacionais em

matéria de diversão fora de casa", para os centros urbanos e suburbanos, grandes e médios, onde estão concentradas mais de 75% da população. (MURAD, 2010)

Conforme Fernandes (2011) podemos apresentar a semelhança entre cinema e futebol através das diferentes emoções que os torcedores e (tele) espectadores experimentam em uma partida de futebol ou filme, como por exemplo, a felicidade e alívio pela vitória (do time no jogo ou do mocinho no filme), mas também, o sofrimento pela derrota de seu time do coração. Apesar de buscarmos prazer nessas práticas, nas duas situações há situações imprevistas. Assim, as narrativas do futebol e do cinema no Brasil são parecidas nas questões, capitalistas, imperialista, elitistas e até mesmo estéticas por conta da grandeza de suas temáticas e de suas linguagens, posto que o cinema tal qual o futebol, está fundado na imagem e no movimento articulados (MURAD, 2010) ainda que apresentem caminhos diferentes no que diz respeito à sua popularização.

Nas primeiras épocas, o cinema e futebol chegaram ao Brasil através da elite endinheirada e com a ajuda de imigrantes ingleses. Logo depois, tanto o futebol como o cinema se popularizaram e ambos acabaram atingindo, em cheio, o gosto do brasileiro, mesmo que os dois tenham sido introduzidos oficialmente no Brasil pelas elites racistas e excludentes. No futebol, era exigida a riqueza e tradição, expressa no sobrenome duplo ou na linhagem familiar. Os primeiros clubes de futebol no Brasil impuseram critério de cor e classe, porém, não era por isso que o futebol não era praticado nas periferias pela camada popular não elitizada. (MURAD, 2010) Enquanto no cinema não era diferente, o cidadão para ter acesso e usufruir da sétima arte, necessitava de capital e de integrar a sociedade elitista da época.

No caso do futebol, em um processo sutil, clandestino e até mesmo de paixão, a prática futebolística se dava por meio da várzea, das peladas por pretos, mulatos

e brancos pobres, o que ocasionou a popularização e democratização do futebol. Na segunda metade dos anos dez, o futebol já estava espalhado de norte a sul do Brasil em praticamente todas as cidades grandes, médias e até pequenas.

Enquanto isso, nessa época, entre 1907 e 1911, o cinema brasileiro do início do século chegou a produzir cerca de 200 filmes por ano, com um público sempre crescente, sendo que até o início dos anos 80, detinha 55% do nosso mercado interno. Mas a partir de 1920, futebol e cinema vão viver um momento de virada em sintonia com as tendências da época, uma vez que, até então, os estilos e os produtos estrangeiros eram os que dominavam tanto o futebol quanto o cinema brasileiro. Assim, o esporte, que até os anos 20 era extremamente elitista, racista e excludente, passa por um processo de transformação democrática e popular. O esporte assiste a proliferação da várzea paulista e da pelada carioca para todo o Brasil e organiza a construção do nosso estilo de jogar futebol, intensificando-se de forma avassaladora e irresistível. Sua tradição elitista, mantida por uma ideologia de exclusão, começa a perder força, tornando a atividade popular e espetacular até alcançar nos anos noventa um patamar ímpar de 70% da preferência nacional (ibope, 1996). Isto faz com que o futebol se institua como um ritual de forte expressividade antropológica, histórica, psicológica, política, linguística, estética e ética da cultura brasileira. (MURAD, 2010)

Com o cinema a dinâmica foi ligeiramente diferente. A sétima arte expandiu suas raízes junto à população brasileira porque transformou em tema elementos de forte significação para a nossa cultura. Tornou-se um importante componente de aglutinação e de composição de uma identidade nacional, capaz de realizar uma leitura da realidade brasileira através da chamada cultura popular. Do ponto de vista simbólico, o cinema revela as relações sociais substantivas de uma determinada realidade. Como afirma Louro:

> Em várias sociedades, incluindo a brasileira, o cinema passou a ser, desde as primeiras décadas do século XX, uma das formas culturais mais significativas. Surgindo como uma modalidade moderna de lazer, rapidamente conquistou adeptos, provocando novas práticas e novos ritos urbanos. (LOURO, 2003, p. 423)

O aumento da popularidade do cinema e futebol fez surgir a possibilidade de juntá-los[5], misturando dois grandes espetáculos de nosso mundo contemporâneo. No Brasil, os esforços para fundar e desenvolver um futebol e um cinema brasileiros com características nossas se inicia na década de 1930, a partir de seus processos de consolidação, inclusive com as primeiras leis federais regulamentadoras das atividades[6], que mesmo sendo fruto de governos autoritários, foram importantes contribuições para o início de uma cinematografia brasileira. (MURAD, 2010) Quanto ao futebol podemos citar a criação da Liga Carioca de Futebol, em 23 de janeiro de 1933, promovendo o profissionalismo e o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941, promulgado em pleno Estado Novo, que marca o começo da nossa legislação esportiva. São normas

[5] O primeiro filme brasileiro sobre futebol é de 1908, realizado pela Foto Cinematografia Brasileira, do Rio de Janeiro, com fotografia e direção de Antonio Leal, imigrante português, um pioneiro e incentivador do cinema no Brasil. Após este filme, sobre um jogo internacional Argentina 3x2 Brasil, realizado em 11de julho de 1908, nas Laranjeiras, campo do Fluminense no Rio de Janeiro, mais de vinte anos se passaram para que o futebol voltasse à nossa filmografia. Nos anos entre as décadas de 30 e 40, foi feita uma dezena de filmes brasileiros sobre o futebol, concentrados ainda no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, com predominância para este último que foi responsável por 70% da produção global do país. O primeiro deste período, O campeão de futebol, é de 1931, da Victor Film de São Paulo, direção de Genésio Arruda, que também é ator do elenco, junto a jogadores como Arthur Friedenreich - o primeiro grande mito do futebol brasileiro, que fez história no São Paulo -, Ministrinho e Tufi Curi, e tem o argumento assinado por Menotti Del Picchia, integrante do Movimento Modernista de 1922. (MURAD, 2010). O filme é uma comédia que fala do futebol pela ótica da popularização do jogo que ocorria, abordando a várzea, a periferia, práticas futebolísticas já espalhadas por todo o país nesta época. Foi um longa marcante pela importância da equipe técnica que criou um encontro da maior riqueza para uma leitura compreensiva da cultura brasileira entre futebol e cinema, dois dos mais representativos ícones populares.

institucionalizadoras que condicionam não apenas o futebol, mas o esporte em todo o país.

Já o futebol, embora desfrutasse da mesma época histórica e dos espaços sociais do cinema, teve um processo diferente no que diz respeito á sua popularização. As camadas populares se apropriaram do futebol inglês e elitista, que lhes era proibido e transformaram-no em uma espécie particular de arte, sinuosa, criativa, plástica, criando o estilo brasileiro de jogar futebol. Resumindo, o futebol passou a ser jogado por gente do povo, virando democrático e popular, com um estilo próprio. (MURAD, 2010).

Os personagens de Heleno e Garrincha na perspectiva da teoria

Para Melo (2006) o futebol, assim como cinema, também é uma forma de arte. E neste sentido, a comparação entre os jogadores de futebol e os atores de cinema se dá na medida em que os dois são tratados como astros e constantemente são procurados para estrelarem propagandas que lhe permitam grande visibilidade. Também pode ser destacado como semelhante a existência dos treinamentos e ensaios, para que os jogadores e atores possam se preparar e posteriormente exibirem suas capacidades no mais alto nível. Porém, apesar das semelhanças, no futebol não há a possibilidade de repetir a jogada que deu errado, ao contrário do cinema. Ainda assim, pode-se dizer que ambas atuam num “palco”, numa performance endereçada aos espectadores. Fernandes (2011) afirma também que outra dimensão de ambos os setores diz respeito ao fato de que, cinema e futebol, movimentam um grande comércio de produtos e estilos que são divulgados tanto pelas estrelas dos filmes, quanto dos gramados e pela mídia. Além disso, a Copa do Mundo e a entrega do Oscar ocupam o status de alguns dos maiores eventos mundiais da atualidade, atribuindo ao futebol e cinema o caráter de espetáculo.

Neste contexto de semelhanças é que se pode olhar para dois grandes ídolos do futebol dos anos 40, 50 e 60, retratados recentemente pelo cinema nacional. Trata-se de Heleno (2011) e Garrincha (2003), personalidades míticas do futebol brasileiro. Em um tempo que o futebol tinha uma conotação mais romântica, jogadores mais amadores e o amor à camisa eram muito mais presentes. Assim, a partir das personagens de Heleno e Garrincha retratados pelo cinema busca-se compreender o lugar dos protagonistas nestes filmes que apresentam a história destes jogadores marcada pela fama e pela vida conturbada.

Para investigar como se constrói um personagem (protagonista), a primeira visada se dá pela literatura e posteriormente empreende-se a análise para o cinema. Tanto na literatura quanto no cinema, a personagem é uma representação da pessoa, do ser humano e a construção da mesma vem se modificando e evoluindo ao longo do tempo. Há vários tipos de personagens espalhados na literatura: protagonista, antagonista, confidente, dinâmico, uma longa lista os quais auxiliam seus autores a conduzirem suas narrações. E esta categorização também pode servir para o entendimento do conceito de personagem no teatro e nos filmes. Em todas estas narrativas temos a narração dos acontecimentos e a situação das personagens no enredo. Mas, diferente dos livros, podemos ver e ouvir o personagem, não apenas fazer o uso da imaginação para ter uma pequena caricatura deste em nossa mente.

De acordo Forster (1969) pode-se dividir as personagens em dois grupos; personagem plana e personagem redonda. A personagem plana é criada com um único conceito e qualidade, suas ações e comportamento são repetitivos, não desenvolve sua personalidade ao longo da obra. Por essa razão a personagem plana já é previsível desde o início até o final de seus atos. Diferente da personagem plana, a personagem redonda possui uma personalidade forte, é

complexa. São mais próximas do ser humano, pois são ricas em qualidades e defeitos, suas ações e caráter podem se alterar ao longo da narrativa, decaindo ou evoluindo de acordo com o seu psicológico. Segundo o filme, Heleno e Garrincha se enquadram nas características da personagem redonda, pois ambos apresentam comportamentos complexos, como medos, atitudes explosivas, dilemas, dúvidas, alegrias, enfim, uma “montanha russa” de sentimentos.

Um dos fatores que comprovam Heleno como personagem redondo e condiz com o que a teoria afirma é que o jogador mesmo formado em Direito, rico, vaidoso, famoso, mulherengo, adepto da boêmia e frequentador dos salões glamorosos da alta classe do Rio de Janeiro da década de 40 e 50, era adepto dos exageros, viciado em cigarro e éter, que mais tarde o destruiriam. Garrincha seguia um comportamento parecido, menos explosivo e superior que Heleno. O jogador fazia o tipo moleque. Logo em seu primeiro treino pelo Botafogo, humilhava, com seus dribles, Nílton Santos, jogador de Seleção e de maior destaque do time na época. Assim como Heleno achava que não precisava treinar. E anos mais tarde do início de sua carreira, por se considerar um dos melhores, também começou a não aceitar salários menores do que outros jogadores da equipe, apresentando, nesse momento, semelhanças com a arrogância de Heleno, seu antecessor no posto de ídolo do clube carioca. Após a conquista da Copa do Mundo no Chile em 1962, os jornais já estampavam o relacionamento do jogador com a célebre cantora Elza Soares. Garrincha, após conhecer Elza durante o torneio e assumir o relacionamento, parou de comparecer aos treinamentos do clube carioca, bebia excessivamente e rebatia as críticas dizendo que seu treino era com sua mulher. Que, quando entrava nos gramados após ter estado com ela entrava leve, com fome de bola e preparado para fazer um espetáculo.

Para Maciel (2003), um dos maiores segredos para se criar um bom personagem no cinema é a identificação do roteirista com o personagem. O roteirista tem de

ser capaz de ver o mundo com olhos do personagem. Logo quando ele escreve seus atos e seus diálogos, deve ser ele próprio desenvolvendo tais ações. Neste sentido Pallottini (1989) destaca que o nome do personagem é fundamental, muitas vezes sendo, como no caso de Heleno e Garrincha, tão importante característica quanto qualquer outra coisa. Isso se verifica no próprio nome dos filmes, que recebem os nomes dos próprios jogadores, “Heleno – O príncipe maldito” e “Garrincha – Estrela Solitária”.

A personalização de um personagem deve ser feita de forma harmônica, caso contrário deve apresentar um lógica própria para esta desarmonia do personagem, uma proposta coerente. De nada adianta o autor compor o personagem com vários detalhes, se para o ponto de vista do telespectador, ele não se mostrar um personagem viável e passível de aceitação pela imaginação. Quanto mais verossímil, melhor. (PALLOTTINI, 1989)

Conforme o longa-metragem, o futebol é considerado a maior paixão da vida de Heleno, o futebol para ele era coisa séria. A adrenalina causada pela imprevisibilidade do jogo o atraía e sua personalidade impetuosa aliada a seu comportamento arrogante causava diversas desavenças no plantel. Nunca se responsabilizava pela derrota, mas sempre pela vitória. A vontade de vencer fazia o jogador ter comportamentos explosivos com seus companheiros de time, os culpava de forma ofensiva e bruta, ao mesmo tempo em que tentava explicar o sentido e a importância de estarem jogando e vestindo a camisa do Botafogo, cobrando-os a mesma vontade de vencer que ele tinha. Com gênio forte, gerava desavenças na equipe. Sua permanência se tornou insustentável, sendo vendido para o Boca Juniors da Argentina. Suas atitudes e a briga com técnico Flávio Costa, o impediram também de realizar um de seus maiores sonhos, jogar a Copa do Mundo de 1950.

Acreditava que só deveriam receber o dinheiro em caso de vitória e se ela não viesse Heleno atormentava-se em seus pensamentos buscando esquecer a derrota que tanto o machucava. Como pode ser observado, os filmes retratam bastante as atitudes dos dois jogadores perante diversas situações que aparecem em suas vidas, concordando dessa forma com a teoria, que afirma, mesmo após ser roteirizado, o personagem, no cinema, só vai se completar quando o mesmo tiver uma função efetiva, na relação entre o personagem e sua experiência concreta.

Assim é preciso que se estabeleça a função dramática do personagem que Maciel (2003) classifica em agentes (protagonista e antagonista), ajudantes (confidentes – ajudam a desenvolver os agentes), comentadores (desdobramento de outros personagens) e emblemas (personagens secundários – figurantes). Kothe (1987), assim como Pallotini, também defende a verossimilhança e por isso destaca em sua obra O Herói:

> As obras de arte precisam ser verdadeiras e a verdade pode ser horrível, como também pode ser encantadora. O horrível pode ser o resplendor da verdade. Não podendo ser malfeitas, as obras de arte não podem ser belas simplesmente no sentido de enfeitadas, embelezadas. A verdade, concretizando fantasmas, mesmo que por um percurso de sangue, suor e lágrimas, acaba trazendo a calma e a tranquilidade da sabedoria. (KOTHE, 1987, p. 29)

Seguindo a linha de pensamento elaborada por Kothe, fica evidente o drama pessoal de Heleno retratado no filme, tanto que o futebol é posto em segundo plano. Pouco popular com as gerações mais novas, o longa procura resgatar a

imagem do que é considerado o primeiro jogador-problema do futebol brasileiro, apresentando-o como ser humano complexo e interessante, com dilemas, problemas, vitórias, medos, alegria. O drama de Heleno é retratado já no início do longametragem, no manicômio em Barbacena. A cena mostra o jogador observando recortes de jornal que mostram seus feitos e vitórias, buscando na memória, lembranças de um passado glorioso e intenso.

De acordo com a personagem retratada no filme, Heleno teve uma carreira meteórica. O jogador teve rápida ascensão e, do mesmo modo, a queda, a partir da decadência física e mental, sem conseguir andar direito e ser dono de suas faculdades, passou a sobreviver de lembranças dos áureos tempos em que tinha saúde, alegria e domínio de seu corpo, até morrer em novembro de 1959. Outro fator importante para construção deste sentido de verdade do personagem protagonista é a caracterização do mesmo. E a maneira como se comporta em relação aos outros indivíduos, como age em grupo, em sociedade e em seus relacionamentos amorosos ou profissionais. E isto leva a caracterização psicológica, o modo de ser do personagem, sua afetividade, emoções, sentimentos. Capacidade de fazer opções e mantê-las, persistência, teimosia. Força de vontade, defeitos, virtudes marcantes. Enfim, tudo aquilo que se está ligado à alma (psique). (PALLOTTINI, 1989)

O filme retrata um Heleno que desafiava tudo e a todos, dirigentes, médicos e amigos, para ele, suas atitudes eram as corretas e teimava em não tratar da doença para poder continuar fazendo o que mais gostava: jogar futebol. Heleno e futebol tinham uma relação intrínseca e intensa. Assim como toda a sua vida, no final da trama o jogador utiliza uma frase que escancara sua personalidade “Heleno, bêbado, doente, é melhor do que qualquer 11 pernas de pau”. Já Garrincha foi apadrinhado por Nílton Santos, que mais tarde se tornaria seu grande amigo, Mané era manchete dos jornais, o ídolo de uma nação, a alegria do

povo. O jogador se declarava como viciado em sexo e deixava Nair, a primeira mãe de seus filhos em Pau Grande, junto de cinco meninas, para viver em um apartamento no Rio com Iraci, que aceitava ser sua amante, e não só isso, se conformava em ver seu homem com dançarinas e cantoras de hotel como Angelita Martinez. As histórias relatadas no filme permitem um recorte das atitudes de Garrincha com os outros indivíduos, corroborando ainda mais para a sua definição de personagem redonda, era capaz de fazer amigos e ser bem quisto por eles, ao mesmo tempo em que abandonava sua esposa, apresentando duas atitudes não-lineares e que se confrontam.

Para Campbell (1995) nas milhares de histórias contadas no mundo ao longo dos séculos e por culturas totalmente diferentes, há sempre uma sequência semelhante entre elas. Alguém que encontrou ou fez algo que o restante da humanidade não estava apto a fazer e não conseguiria, sendo esse alguém o herói. É alguém que deu sua vida por algo maior que ele mesmo. Campbell (1995) influenciou muitos artistas no cinema com sua obra mais conhecida, *O herói de mil faces,* onde esclarece a ideia do herói que parte de seu mundo, se aventura e passa por problemas longe de casa, enfrenta inimigos e depois de algum tempo retorna a sua casa tendo feito algo magnífico.

Nos filmes de Heleno e Garrincha pode-se perceber que o conceito de Campbell (1995) é seguido até certo capítulo em um roteiro. Mas o que o autor não mencionava seria o seu final. Duas belas histórias, de dois grandes atletas, de dois grandes personagens, que não terminaram da maneira como todos gostariam de ver. Assim como afirma Kothe (1987):

> O que ajuda a engrandecer o heroi épico é a sua dimensão trágica. O heroi épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história; o heroi trágico é a verdade do destino

> humano; o heroi trivial é a legitimação do poder vigente; o pícaro é a filosofia da sobrevivência feita gente. (KOTHE, 1987, p. 15)

Declara também:

> Quando se quer criar um personagem apenas sublime, elevado, acaba-se criando alguém artisticamente baixo com ausência de veracidade. Todo personagem que possua apenas qualidades positivas ou negativas é um personagem trivial, pois foge à natureza contraditória das pessoas e não questiona os próprios valores. (KOTHE, 1987, p. 59)

A teoria construída por Kothe (1987) pode ser comprovada também no filme de Garrincha, pois apresenta as dificuldades vividas por ele. O alcoolismo, a pesada crítica por parte da imprensa contra o casal, bem como, o golpe militar que agravou a situação de Garrincha e Elza, colaboraram para eles se mudarem para a Itália, como forma de fugirem de todos os problemas. Elza pedia que o jogador prometesse largar a bebida, mas de nada adiantava. O jogo de despedida de Mané aconteceu no Maracanã ao som de cento e trinta mil pessoas que entoavam seu nome, porém, isso também não serviu para tirar o antigo craque das garrafas de cachaça.

Acostumado a vencer, Garrincha deitava-se em uma cama de uma clínica de reabilitação e sob as lágrimas de seu companheiro de clube Nílton Santos, o jogador não conseguia mais reconhecer o antigo amigo que o futebol tinha lhe proporcionado. A alegria do povo, o demônio das pernas tortas perdia o jogo mais importante, em 1983, perdia o jogo da vida.

A história de Heleno e Garrincha na vida real

Em Minas Gerais, no dia 12 de fevereiro de 1920, mais precisamente São João Nepomuceno, nascia Heleno de Freitas. A família Freitas deixou o interior, na década de 30 e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde mais tarde Heleno passaria seus melhore e piores momentos na vida pessoal e profissional, principalmente no Botafogo. Passou por testes, peneiras e se firmou no time profissional do clube carioca, tornando-se o quarto maior artilheiro da história do clube.

Já Garrincha, nasceu no dia 28 de outubro de 1933 em Pau Grande, distrito da cidade de Magé no Rio de Janeiro. Deixou a cidade natal para se aventurar na capital do estado e jogar no Botafogo do Rio de Janeiro, realizando seu primeiro treino em 10 de setembro de 1953. Passando por provações e enfrentando fortes adversários, como a temida seleção soviética na década de 50, Garrincha tinha atitudes surpreendentes, como entrar em uma final de mundial com 39ºC de febre e se sagrar campeão.

Dois personagens que colocaram suas almas dentro da cancha, onde lá eram imbatíveis, mas que fora dos gramados esburacados, denegriram suas imagens como ídolos. Heleno e Garrincha eram e são ainda muito mais que apenas jogadores. Eram porque suas estrelas hoje brilham no céu e, são porque os títulos, jogos e dribles ficarão eternamente na imagem do brasileiro, do torcedor, amante do futebol.

Mas se a ascensão do homem, de um jogador, pode ser meteórica, glamorosa e inesquecível, a queda, do mesmo modo, pode ser dramática e cruel, capaz de diminuir o brilho de duas estrelas e manchar suas histórias. Neste sentido, suas vidas eram tão parecidas, que os últimos dias de ambos foram idênticos. Vivendo

uma vida simples e humilde, enfrentando os problemas do alcoolismo e morrendo praticamente esquecido, Garrincha não tivera ao seu lado o mesmo brilho e eficiência de seus dribles, acabando assim, derrotado no jogo contra a dependência química.

Quanto a Heleno, antecessor de Garrincha, este fora abandonado na casa de saúde São Sebastião em Minas Gerais, onde também teve um triste destino. Bem longe do glamour dos anos anteriores, sem charme, o nervoso e boêmio Heleno perdia a partida para a sífilis e o éter. Lentamente a doença o ia desgastando, bem diferente do jogador agitado e problemático que vivia dentro dos campos de futebol.

A vida dos dois antigos atletas gerou filmes e documentários sobre os jogadores que viraram personagens, mas sem roteiro clichê e sem uma narrativa de final feliz. Foram, sim, heróis para seus torcedores, mas suas jornadas romperam o padrão cinematográfico de qualquer manual já escrito.

Conclusão

A partir das relações entre cinema e futebol buscou-se neste artigo estudar a construção do personagem em narrativas cinematográficas brasileiras específicas e analisar como o personagem principal é retratado.

Por meio de um resgate histórico da chegada do cinema e do futebol no Brasil, nota-se que, mesmo originários da elite, logo caíram nas graças do público brasileiro e se popularizaram. No ano de 1908 esses dois meios de cultura se entrelaçam e deram origem ao primeiro filme brasileiro sobre futebol: uma derrota brasileira para a seleção argentina por 3 x 2. Depois disso seriam necessários mais de vinte anos para que o futebol e o cinema voltassem a se encontrar.

Utilizando de uma base teórica sobre a teoria narrativa e do cinema pode-se observar a dificuldade de construir uma narrativa fílmica biográfica, podendo o longa-metragem exagerar em determinados aspectos e acabar apresentando uma imagem forçada da vida do jogador. Mas infelizmente, nos dias atuais é o que cada vez mais está fadado a acontecer, a ficção contribui para a venda do material; o público quer ver o que choca, o que dá assunto, prefere o personagem real, de atitudes humanas e que age por impulso, levando a emoção em conta ao invés da razão. Segundo entrevista de Chico Anysio no livro Futebol Brasil Memória (2006) de Claudio Nogueira, o futebol não dá humor, nem cinema, porque não se faz jogo de mentira.

Heleno e Garrincha, considerados os dois primeiros jogadores-problemas do futebol brasileiro, seguem uma sequência narrativa típica da teoria do Herói, construída por Joseph Campbell em "o Herói de mil faces", porém, se diferenciam no clímax da história, onde, ao invés de alcançarem a redenção e a glória, alcançam a vergonha e derrota. Após suas grandes conquistas pessoais e profissionais, ambos os jogadores não conquistam a vitória, mostrando, dessa forma, a vida como ela é, não só de finais felizes.

Não se pode fazer cinema sozinho, independente de talento e de profissionalismo, o cinema é uma arte coletiva, assim como não se joga futebol individualmente, é um jogo de equipe. Não se pode aproveitar de uma bola de futebol desacompanhado, é um pecado ao esporte. É difícil de imaginar um filme sobre futebol sem jogadores, é vazio, não é a realidade. Essas duas formas de entreter já foram mais românticas nas décadas passadas, o futebol praticado por amor e o cinema sendo produzido como arte, mas, não se pode negar que mesmo nos dias atuais, quando são misturados, se engrandecem, encantam o público; de Heleno a

Garrincha, de Pelé a Neymar, craques que são partes da nossa cultura, e junto com o cinema, podem fazer até o mais cético do brasileiro sonhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Campbell, J. (1988). *O herói de mil faces.* São Paulo: Círculo do Livro.

Fernandes, V. L. P. (2011). Futebol e Cinema: que semelhanças são essas? Revista *Digital*. Acessado em: 17 de Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd155/futebol-e-cinema-que-semelhancas-sao-essas.htm>

Forster, E. M. (1969). *Aspectos do romance.* Porto Alegre: Globo.

Kothe, F. R. (1987). *O herói.* (2ª ed.) São Paulo: Ática.

Louro, G. (2003). Cinema como Pedagogia. In: Lopes, M., Faria Filho, L., & Veiga, C. (orgs.) *500 Anos de Educação no Brasil.* (3ª ed.) Belo Horizonte: Autêntica.

Maciel, L. C. (2003). *O poder do clímax: fundamentos do roteiro de cinema e TV.* Rio de Janeiro: Record.

Melo, V. A. (2006). Futebol e Cinema: Duas paixões, um planeta. Acessado em: 14 de Agosto de 2013. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/futebol_cinema_artigo_livro_2006.pdf >

Murad, M. (2010). Futebol e Cinema no Brasil: um enredo. Revista de História, São Paulo, (163), 191-206. Acessado em: 13 de Agosto de 2013. Disponível em:

<http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/163/RH_163_-_09_-_Maurcio_Murad.pdf>

Pallottini, R. (1989). *Dramaturgia: a construção do personagem.* São Paulo: Ática.